

29/07/2015 6:00

<http://oglobo.globo.com/cultura/aprender-levitar-16999742>

# Aprender a levitar

Ná Ozzetti e Passo Torto costumam gerações em São Paulo

Por Fred Coelho - coluna

O lançamento do terceiro disco do Passo Torto (“Thiago França”) é um evento para ser publicamente louvado. O grupo paulista é formado por quatro músicos e amigos que periodicamente atravessam suas forças renovadoras sobre a música popular. Isso se deve, principalmente, à proximidade cotidiana e estética dos seus compositores. Seus discos, somados aos projetos individuais e comuns de cada um, são sem dúvida uma das usinas de ideias sonoras mais poderosas que temos hoje por aqui.

Kiko Dinucci, Romulo Fróes, Marcelo Cabral e Rodrigo Campos (os quatro do Passo Torto) são vetores transtornados em uma missão: ir mais fundo no corte da própria carne, ampliando o leque de sons e sentidos que podem ser cantados por aí — e por qualquer um. Antes de tudo, deve ser destacado o cuidado com as canções, fazendo do esmero técnico uma arma para a invenção de novas frentes e temas. São ideias executadas sempre no mais alto nível, através de letras poderosas e arranjos precisos com baixo, cavaco, guitarra e violão. Cada faixa, porém, instala dissonâncias, corrói sambas perfeitos, escancara experimentações e reinventa caminhos trilhados há décadas. Sua música tem o poder de transformar o mesmo em Outros. O céu já desabou, saiu do lugar e eles sabem disso.

Nas letras escritas por Dinucci, Fróes e Campos, temos alguns dos personagens mais marcantes da música brasileira no século XXI.

Samuel, Helena, Isaurinha, Cavalieri, Passarinho Esquisito, agora ganham a companhia de Cipó (um gato de rua inglês em trato com Oxum) e Beth. Todos fazem parte da família dos homens sós, dos homens comuns, dos cadáveres e das mulheres mortas. São corpos que se movem (ou paralisam) nos interstícios de São Paulo. Por conta desses temas, o Passo Torto tornou-se a banda responsável pela mais contundente trilha sonora do país nos últimos anos. No disco anterior (“Passo elétrico”), lançado junto aos frêmito que as manifestações de 2013 criavam nas ruas, a morte rondava os corpos na mesma medida em que o prazer apontava novas saídas. Morte e vida, Eros e Thanatos, claro e escuro, e agora, Passo Torto e Ná Ozzetti.

A presença da cantora (que canta em todas as faixas do disco) é mais um nó das costuras entre gerações que vêm ocorrendo em São Paulo. Com uma produção diversa nos anos 1980, a cidade apresentava uma série de sonoridades que o rock carioca ou de Brasília esmagou nas rádios. Para os que curtiam música para além dessa superfície, os nomes Lira Paulistana e Baratos Afins eram chaves para se entrar no mundo de Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção, Fellini, Patife Band ou Rumo. E Ná Ozzetti é parte fundamental dessa história. Unindo passados e presentes, sua voz nos mostra que é na sincronia dos múltiplos tempos que o novo acontece — não como valor epidérmico, mas como transformação estrutural das coisas. Cada faixa de “Thiago França” (o nome do novo disco é o mesmo do músico-parceiro cujos sopros são a reinvenção dessa sonoridade na música brasileira) soa como esse tempo-zero das coisas. Ná faz todo o peso dos passos tortos pairar em leveza áspera. Um gesto sonoro que lembra um verso de José Miguel Wisnik: “Se meu mundo cair, eu que aprenda a levitar”.

Para quem acompanha a discografia do grupo e seus trabalhos solos — Rodrigo Campos, compositor assombroso, instrumentista brilhante e cantor preciso, Kiko Dinucci, multitarefas entre canto,

guitarrada, violão, composição, capas, desenhos, cinema, blogs, e ótimas histórias contadas no palco, Romulo Fróes, cantor, compositor e produtor com obra gigante e cada dia mais forte, Marcelo Cabral, baixista que empurra os limites do instrumento e participa de diversos trabalhos como produtor e músico — é bem diferente ouvirmos suas composições na voz da cantora. Não que soem *outra coisa*. O que ocorre é uma espécie de outra cor, outra temperatura. Uma variação oscilante entre salvação e lamúria, um jogo que nos remete a outro verso, dessa vez de Mautner: “Belezas são coisas acesas por dentro”. A morte anunciada pelo anjo mais lindo, o fim cantado pela trombeta mais afinada. Esse canto que se esgueira, se suja no asfalto, se vira no santo, mas permanece ativo e, ainda, nos olha nos olhos.

O Passo Torto é a banda que deu um dos golpes mais consistentes na excessiva audição centrada em uma bela voz (do cantor/cantora). Não pela questão da beleza, mas pelo rodízio do canto em múltiplas vozes, em um formato às vezes coral, dando ao diálogo entre cantores um papel tão importante quanto os arranjos e temas transgressores de suas canções. Neste disco, Ná Ozzetti se encaixa perfeitamente no mundo deles, mesmo que assuma em quase todas as faixas, por quase o tempo inteiro, o centro. Sua voz é a verdadeira homenageada de uma banda cujo trabalho está aberto, em progresso, devorando tudo o que lhes interessa na invenção de um espaço musical intransferível — e definitivo.